

PRIMEIROS RESULTADOS

Confira os possíveis sintomas orais da covid longa

- Alguns pacientes, mesmo após a fase aguda da covid-19, manifestam sintomas que não podem ser explicados por um diagnóstico alternativo
- A Organização Mundial da Saúde (OMS) define essa condição como pós-covid/covid longa, caracterizada pela duração dos sintomas por, pelo menos, dois meses desde a infecção por Sars-CoV-2. Até agora, já foram descritos mais de 50
- Estudos mundiais apontaram distúrbios do paladar, xerostomia (boca seca) e lesões da mucosa oral semelhantes a afta, herpes e candidíase, entre outras, como manifestações comuns em pacientes de covid-19 durante a infecção. Na fase aguda, também foram relatados halitose e distúrbios nas glândulas salivares

Agora, começam a ser publicados estudos de casos sobre as manifestações orais após a covid. Entre outros, eles descrevem*:

- Ressecamento
- Presença de células atípicas (lesões foliculares)
- Ulcerações e erosões recorrentes
- Inflamação no interior da boca e na garganta (mucosite)
- Erupções (exantema)
- Inflamação nos lábios (queilite)
- Micoses
- Aftas
- Pústulas, rachaduras, manchas
- Alterações na pigmentação
- Halitose
- Crostas hemorrágicas
- Sangramento gengival espontâneo
- Dificuldade de deglutição
- Problemas de mastigação
- Sensação de queimação

* Os autores dos estudos de caso advertem, porém, que não há como estabelecer, ainda, uma relação causal dos sintomas encontrados e da infecção prévia por Sars-CoV-2



Meta-análise

Um estudo liderado por pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB), que analisa mais de 300 publicações científicas mundiais sobre manifestações orofaciais pós-covid, encontrou como sintomas principais:

- Boca seca (xerostomia)
- Alterações no paladar e no olfato
- Osteonecrose mandibular: lesão na qual o osso fica exposto
- Paralisia facial
- Líquen plano na boca (manchas brancas e feridas que podem ser doloridas)

VALDO VÍRGO

A boca pós-covid

Começam a surgir análises mais consolidadas sobre as sequelas odontológicas e orais da infecção pelo Sars-CoV-2. Pesquisadores da Universidade de Brasília investigam essas complicações e se surpreendem com relatos de problemas de mastigação a paralisia repentina do rosto

» PALOMA OLIVETO

Fadiga, dor muscular e problemas de memória são sintomas bem documentados da pós-covid. Agora, pesquisas começam a apontar que a síndrome, que chega a afetar mais de 50% dos pacientes, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), também tem manifestações na cavidade oral. Sensação de boca seca, inflamação e lesões na língua e na mucosa, entre outros, foram alguns sinais detectados na fase pós-infecção e que podem aumentar a lista das sequelas associadas ao Sars-CoV-2.

Para compreender melhor o cenário, um grupo multicêntrico liderado por pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) está avaliando cerca de 300 artigos, selecionados entre mais de 1,7 mil publicações, que apresentam evidências dos sintomas odontológicos pós-covid. Trata-se da mesma equipe de cientistas que publicou, anteriormente, duas revisões de artigos sobre as manifestações orofaciais durante a infecção, como alterações no paladar e lesões semelhantes a herpes e aftas.

“Agora, nosso foco é a covid longa, em um cenário pós-vacina. São realidades completamente diferentes”, define Eliete Neves da Silva Guerra, professora titular do Departamento de Odontologia da Faculdade de

Saúde da Universidade de Brasília (UnB) e uma das líderes do projeto. O resultado do estudo será publicado, ainda neste ano, na revista *Journal of Dental Research*.

A pesquisadora conta que esperava relatos de xerostomia (boca seca) e disfunções gustativas, mas se surpreendeu ao encontrar, também, ocorrências de paralisia de Bell — enfraquecimento muscular repentino de um dos lados da face — e de líquen plano oral, uma inflamação no interior da boca que provoca manchas brancas e vermelhas que podem ser dolorosas. No segundo caso, é possível atribuir o sintoma às alterações do sistema imunológico na pós-covid, quando o organismo continua produzindo células de defesa contra o vírus mesmo quando ele não está mais presente, explica Eliete Neves da Silva Guerra. Isso desencadeia a reação autoimune, caracterizada pelo processo inflamatório.

Já a paralisia de Bell pode ser consequência do tropismo viral, ou seja, a propensão que o patógeno tem de infectar alguns tipos celulares — nesse caso, células do sistema nervoso central. Um dos estudos avaliados pela equipe foi publicado na revista *Jama*, da Associação Médica Norte-Americana, e também encontrou casos do tipo depois da vacinação para covid-19, mas em um percentual menor, explica a cirurgiã-dentista Juliana Amorim dos Santos, doutoranda da Faculdade



O não acompanhamento dessas lesões bucais pode ter consequências indesejadas que comprometem o estado geral do paciente*

Elisa Grillo Araújo, pesquisadora do Hospital Universitário da Universidade de Brasília (HUB)

de Ciências da Saúde da UnB. “A incidência em pessoas que tiveram a covid foi seis vezes maior, comparadas às que tomaram a vacina”, diz a pesquisadora.

Necrose

Segundo a cirurgiã-dentista, também foram identificados casos de osteonecrose da mandíbula pós-covid. Um estudo de instituições egípcias publicado recentemente no *The British Medical Journal Infection Diseases*, incluído na meta-análise da UnB, relatou 14 complicações do tipo. Nessa lesão, muitas vezes dolorosa, o osso da mandíbula fica exposto, exigindo a realização imediata de uma cirurgia. A possível associação com o Sars-CoV-2 não é explicada pelo vírus nem a doença em si, mas pelo tratamento da covid. “Os pacientes desses casos fizeram uso de corticoides e de um anticorpo monoclonal que podem explicar a necrose”, diz Juliana Amorim dos Santos.

Na Polônia, pesquisadores da Universidade Médica de Varsóvia encontram outros sintomas na cavidade oral, com diferentes durações e severidade,

em pacientes curados da infecção. Em um artigo publicado no *European Journal of Dentistry*, os autores contam que, das 1.256 pessoas incluídas no estudo — todas elas previamente infectadas pelo coronavírus —, 32% apresentaram descoloração, ulcerações e sangramentos na mucosa oral, 29,69% tiveram micose na língua, 25,79% desenvolveram lesões semelhantes à afta no palato duro e 12,5% tiveram um tipo de inflamação labial.

Durante a consulta, 60% dos pacientes relataram distúrbios salivares no início da infecção, sendo que, para 6,7% deles, a condição durou até quatro meses depois que os outros sintomas desapareceram. “Os idosos com comorbidades, as pessoas que tiveram covid mais graves e os pacientes que foram hospitalizados apresentaram lesões mais extensas e graves na cavidade oral que persistiram por muito tempo após a infecção”, escreveram os autores do artigo.

Tensão

“O estresse também é um importante fator a ser considerado quando

pensamos nos efeitos bucais tardios da covid-19”, destaca a especialista em periodontia Elisa Grillo Araújo, pesquisadora do Hospital Universitário da Universidade de Brasília (HUB) e responsável técnica da clínica Perio life. “Lidar com as sequelas da doença e as incertezas envolvidas, os prejuízos econômicos e a pressão no trabalho pode aumentar a ocorrência de bruxismo e/ou apertamento dos dentes, causando fratura e perda dentária, condição cuja frequência aumentou muito durante a pandemia. Portanto, o estado mental do paciente também deve ser considerado”, recomenda.

A dentista afirma que, além do estresse, dos efeitos adversos das medicações e do estado de inflamação consequente da infecção, outros mecanismos fisiopatológicos podem ajudar a elucidar as complicações e sequelas bucais pós-covid. “Além do dano celular direto, outra via sugerida que leva a complicações da infecção por covid-19 a longo prazo é o estado de desregulação imunológica. A imunidade comprometida pode levar a infecções oportunistas, reativação de vírus latente, como herpes, ou até mesmo exacerbar condições bucais preexistentes”, diz.

Por isso, Elisa Grillo Araújo reforça a necessidade de acompanhamento dos pacientes. “Muitas vezes, as lesões bucais são subestimadas dada a situação, com a atenção voltada para outros sintomas mais graves. Mas o não acompanhamento dessas lesões bucais pode ter consequências indesejadas que comprometem o estado geral do paciente.”

Três perguntas para

CELSO AUGUSTO LEMOS JÚNIOR, professor da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (USP) e membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO).

As manifestações orais durante a infecção pelo Sars-Cov foram bem documentadas. É possível que, após a cura, pacientes possam desenvolver sintomas orais associados ao vírus?

Sim, é possível, e a cada dia mais trabalhos de pesquisa são publicados sobre esse assunto. Manifestações orais da covid-19 foram observadas durante o período agudo da doença, relacionadas à própria infecção ou às medidas terapêuticas adotadas, como

alteração de paladar, ulcerações orais inespecíficas, descamação da gengiva, petéquias na mucosa oral e infecções oportunistas, como a candidíase. Hoje em dia, a preocupação dos profissionais de saúde tem se voltado para as consequências dos sintomas pós-covid-19. Os estudos têm demonstrado uma maior prevalência de determinados sintomas, tais como xerostomia (sensação de boca seca), sialoadenites (inflamação das glândulas salivares), lesões na superfície da língua, dores crônicas e doenças periodontais, além de infecções fúngicas oportunistas. Ainda há um considerável grau de incerteza se esses sintomas estão necessariamente

Arquivo pessoal



associados à consequência da covid ou mesmo aos tratamentos utilizados nos sobreviventes. Portanto, ainda vamos precisar de algum tempo de estudos e pesquisas que possam caracterizar com maior exatidão quais seriam as manifestações orais na pós-covid.

A infecção pode alterar, de forma crônica, a microbiota da região?

Não há dados publicados até o momento que consigam provar alteração relevante na microbiota oral. Pode-se supor que, se existirem essas alterações, elas deverão ocorrer em pacientes que tiveram manifestação grave da covid, incluindo, aí, fatores como longo tempo de internação e uso de múltiplas drogas por muito tempo.

Do ponto de vista clínico, como deve ser o acompanhamento dos pacientes que tiveram covid?

O atendimento de rotina na odontologia parece ser suficiente até o momento, segundo os dados publicados. Porém, os cuidados necessários de higiene devem ser mantidos com atenção e ajustados a cada paciente. Caso o paciente venha a se queixar de sintomas que não apresentava antes da covid, o cirurgião dentista deverá ser procurado para que se possa investigar de maneira minuciosa a possível relação. Por exemplo, em casos de xerostomia (queixa de boca seca), sensibilidade alterada das mucosas orais e gengivites que não cedam aos cuidados normais de escovação e fio dental. (PO)